

A ARTE HUMANA NO TEATRO DE DEUS (1)

Hermisten Maia Pereira da COSTA*

RESUMO: Partindo do princípio de que não há neutralidade em qualquer avaliação, nesses dois artigos Costa descreve a Criação, queda e redenção do homem, analisando como a arte - reflexo da imagem de Deus estampada no ser humano -, está presente em todas as culturas. Apresenta alguns elementos que caracterizam a chamada arte cristã e a necessidade de avaliá-la biblicamente. Entende que o padrão absoluto de beleza, do qual temos reflexos, está em Deus, que nos concede as Escrituras como parâmetro avaliativo. Somente um cristão poderá apresentar uma arte consistente com a amplitude da realidade revelada.

PALAVRAS-CHAVE: Arte, Cosmvisão, Criação, Revelação geral, cultura.

* Rev. Hermisten M.P. Costa integra a Equipe de pastores da Primeira Igreja Presbiteriana do Brasil em São Bernardo do Campo, SP; Email: hermisten.costa@mackenzie.br

INTRODUÇÃO

À Davi, extasiado com a criação de Deus, exclama de forma inspirada: “Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome! Pois expuseste nos céus a tua majestade. (...) Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste” (Sl 8.1,3).

O pecado, que consiste na quebra de relacionamento com Deus, trouxe ao ser humano diversas consequências. Entre elas a perda da sensibilidade espiritual. O ser humano perdeu a capacidade de reconhecer a Deus em seus atos manifestos em toda a Criação, na Palavra e, plenamente revelado em Cristo Jesus. A quebra desta comunhão com Deus interferiu diretamente, de forma significativa e decisiva em todas as demais relações, inclusive em nossa maneira de ver e atuar no mundo.

O pecado afastou-nos e nos tornou indispostos a Deus. Alienamo-nos também de nós mesmos, do nosso semelhante e da natureza. Assim, o pecado, de certa forma, desumanizou-nos. A Queda trouxe consequências desastrosas à imagem de

Deus refletida no homem. No entanto, mesmo após a Queda, o homem não regenerado continua sendo imagem e semelhança de Deus (aspecto metafísico). Apesar de o pecado ter sido devastador para o homem, Deus não apagou nele a sua “imagem”, ainda que tenha sido corrompida, alienando-o, assim, de sua identidade divina original. O pecado trouxe como implicação a perda do aspecto ético da imagem de Deus. A nossa vontade, como agente de nosso intelecto, agora, é oposta à vontade de Deus. A imagem que agora refletimos estampa mais propriamente o caráter de Satanás.

No Éden só havia um livro: o livro da natureza, todavia, com o pecado humano, a natureza também sofreu as consequências, ficando obscurecida, perdendo parte da sua eloquência primeira em apontar para o seu Criador (Gn 3.17-19) e, como parte do castigo pelo pecado, o homem perdeu o discernimento espiritual para poder ver a glória de Deus manifesta na Criação (Sl 19.1; Rm 1.18-23). A revelação Geral que fora adequada para as necessidades do homem no Éden – embora saibamos que ali também se deu a revelação Especial (Gn 2.15-17,19,22 3.8ss) – tornou-se, agora, incompleta e

ineficiente para conduzir o homem a um relacionamento pessoal e consciente com Deus.

Todavia, mesmo a Criação sendo obscurecida pelo pecado humano, continua a revelar aspectos da natureza e do caráter de Deus.

A fé cristã fundamenta-se – porque foi por isso que ela se tornou possível – na existência de um Deus transcendente e pessoal (infinito-pessoal) que se revela e se comunica conosco. Sem a comunicação divina não haveria teísmo nem ateísmo, simplesmente, jamais chegaríamos ao conceito de Deus, ou à sua negação. A teologia cristã parte fundamentalmente do pressuposto da real revelação de Deus.

O Salmo 8 exalta a majestade do nome de Deus manifesta na Criação. Aliás, a majestade de Deus e o seu nome, são aqui, poeticamente sinônimos (Sl 8.1). É um hino que por meio do homem dignifica a majestade do Deus criador

Davi ciente de que a Criação não é uma mera extensão da essência de Deus, não se detém na Criação, antes, vai além, reconhecendo a glória de Deus nela. No Salmo 19, o salmista faz uma referência semelhante de modo mais amplo: “Os céus

proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos. 2 Um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite. 3 Não há linguagem, nem há palavras, e deles não se ouve nenhum som; 4 no entanto, por toda a terra se faz ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo” (Sl 19.1-4).

Contudo os homens, insensíveis à majestade de Deus, corrompidos em seus pecados, entregaram-se à idolatria, como afirma Paulo (Rm 1.20-25).

A Criação nos fala de Deus, de sua majestade e poder. É necessário que tenhamos nossos olhos abertos para contemplar a Deus por intermédio de suas obras. A confiança do salmista passava pela Criação e repousava em Deus: “Elevo os olhos para os montes: de onde me virá o socorro? 2 O meu socorro vem do SENHOR, que fez o céu e a terra. 3Ele não permitirá que os teus pés vacilem; não dormitará aquele que te guarda” (Sl 121.1-3). O meu socorro não vem dos montes, mas, do Senhor (יהוה) que criou todas as coisas, inclusive os montes, podendo, se assim o quiser, valer-se destes montes, como parte de sua criação, para me abrigar e proteger. O nosso

Deus não é territorial – dos montes, ou dos mares ou das planícies, antes é o Senhor de toda a terra (Sl 24.1).

1. A ARTE ONIPRESENTE

Pela graça comum de Deus a arte sempre esteve presente, ainda que de forma variada e desproporcional, em todas as formas de cultura por mais rudimentar que ela seja. A arte não começa na cultura. Antes, cada cultura observando a Criação pode desenvolver a sua arte a partir da beleza expressa em toda Criação, iniciando um diálogo entre o revelado e o modo de ver de um povo naquele estágio de sua história. Além disso, não podemos limitar a arte às obras dos grandes gênios.

Insisto: a arte é sempre um diálogo responsivo, primeiro com a Criação, com o percebido no mundo. É uma resposta natural de uma cultura com sua língua, perspectivas e valores. Ela reflete de alguma maneira – ainda que os gostos variem de cultura para cultura, de épocas e épocas e, de pessoa para pessoa – o apreço pelo belo, a necessidade latente ao ser humano de exteriorizar-se e, ao mesmo tempo, a leitura feita do mundo como ele é percebido.

A arte reflete a nossa humanidade com todas as implicações desta afirmação, ou seja: a nossa condição ontológica e as circunstâncias de nossa existência e percepção. Para nós cristãos, a maior e mais radical mudança que pode ocorrer conosco, é a conversão espiritual, obra do Espírito, e as conversões que se sucedem. Mudanças de cosmovisões podem ser feitas apenas por questões intelectuais mescladas por sentimentos e emoções. Todavia, a conversão cristã envolve a mudança do homem todo, a sua essência. Isso só é possível pela operação regeneradora do Espírito fundamentada na obra de Cristo, fazendo-nos convergir para Deus e a sua Palavra.

Bavinck, ainda que não tratando desse assunto, aponta para o caminho que seguimos:

A verdadeira conversão (...) não consiste em um ato incidental de autodesenvolvimento moral, em romper com alguns pecados grave e se adaptar à virtude. Ela é, em vez disso, uma completa reversão na forma de vida da pessoa, um rompimento fundamental com o pecado porque ele é pecado. (2012, v. 4, p. 156).

A verdadeira conversão surge da tristeza piedosa, isto é, uma tristeza em harmonia com a vontade de Deus, uma tristeza

que, portanto, não é meramente de caráter ético, mas também de caráter religioso, pertence a Deus, sua vontade e sua palavra e ao pecado como pecado até mesmo independente de suas conseqüências. Ela é requerida por Deus, mas também é dada por Deus. (2012, v. 4, p. 141).

A verdadeira conversão é uma questão ético-religiosa que envolve toda a pessoa em um afastamento do pecado e em uma aproximação de Deus. (2012, v. 4, p. 99).

A beleza é um apelo comum à humanidade, não, simplesmente, o gosto pela funcionalidade. O belo tem seu apelo próprio à nossa natureza. Aliás, a experiência estética é comum a todo ser humano, nos acompanhando, ainda que não a classifiquemos assim, a todo o momento na contemplação de uma árvore, o olhar o céu, a apreciação da engenharia de um determinado modelo de carro, a relação de confiança e amizade entre pais e filhos, a risada de uma mãe etc. O nosso apelo estético é proveniente, ainda que vagamente, do fato de sermos criados à imagem de Deus, o Artista por excelência.

Na busca da expressão do belo, bom e verdadeiro, a cultura se revela e se fortalece em seus propósitos conservadores ou revolucionários. Em nossas respostas revelamos no que cremos e, conseqüentemente, quem somos aos nossos próprios olhos, deixando transparecer, por vezes, os nossos temores, inseguranças, carências, desejos e esperanças.

Curioso é que o artista – que, por vezes, não sabe que o seja – nem sempre tem consciência de que está fazendo arte. Salvo uma encomenda específica – como uma porta, por exemplo, a fim de substituir outra já corroída pelos cupins – que artista produz uma obra de arte para a “arca de Noé” chamada de museu? Aliás, o que de fato podemos chamar de arte, considerando a polivalência da palavra Arte?

Quando redijo estas notas, por exemplo, penso apenas em colocar no papel algumas ideias fruto de alguma leitura e reflexão. O meu objetivo é simples: comunicar determinadas percepções. Para mim, e, certamente, para vocês também, isto tem muito pouco de arte. Contudo imaginemos este pedaço de papel sendo achado daqui a 500 anos em meio a uma carência assustadora de documentos de nossa época? É possível que este

texto ganhe um sentido totalmente diferente do proposto. Ele poderia ser estudado a partir de uma abordagem, sem dúvida generalizante, de como o homem no início do século XXI escrevia, organizava suas ideias e pensava. Assim, teríamos um documento, um texto que representaria uma cultura, devendo, portanto, ser preservado como uma arte deste período. A ironia é que a sua importância, certamente, estaria no fato de ser datado. (Aliás, como deixar de ser datado, sendo autêntico?). Portanto, é bem provável que muito do considerado arte por nós, não tivesse esta pretensão por aquele que a elaborou. (Vejam-se: GOMBRICH, 1999, p. 32-33; PANOFISKY, 2011, p. 32-33).

Deve ser dito que a criatividade nem sempre foi o ponto alto na avaliação de um artista, portanto, o fato de o artista, até o início do século XV, se confundir com o artesão – aquele que trabalha com seriedade e qualidade seguindo um modelo pré-estabelecido. Esta distinção, por sua vez, viria contribuir para uma nova concepção de artista, agora, um ser exótico e quase divino, que em sua obra revela encantos da natureza até então percebidos só por ele. Um iluminado, contribuindo para

fornecer uma síntese integralizadora da realidade que somente os iluminados como ele poderiam entender. Assim, a arte supera a ciência e o artista transforma-se em uma espécie de deus, criando uma realidade além do real percebido e rigidamente dominado pela ciência.

Dentro deste idealismo entusiasta, o homem se esquece de que a sua obra não pode ser maior do que ele. A sua digital que o identifica, também referenciará a sua criação, com todos seus atributos que, se por um lado, revela a genialidade do seu autor, do mesmo modo, indicará a sua limitação, incoerência, sonhos, frustração e, em última instância o pecado, característica distintiva de todos os homens após a Queda, daí o seu processo de autodestruição e eliminação de qualquer critério que referencie a arte e aponte para o seu valor e importância. Somente Deus é Deus. Somente ele cria do nada e da morte gera vida.

Desse modo, a partir do século XVIII, a arte, de certa forma, mais do que elitizada, assumiu o lugar da religião, ainda que a religião fosse privatizada, questão de cada um, não devendo interferir em sua vida como um todo. O artista passa,

de alguma maneira, a estar acima do bem e do mal. Ele é o gênio criador. Quem somos nós para emitir juízo sobre a sua arte?

Em outra vertente, Rookmaaker (1922-1977) escreveu:

Apesar de o século 18 não ser abertamente anticristão, havia uma profunda busca por um mundo descristianizado. A religião não era problema, desde que ela fosse de ordem puramente particular e não interferisse nas coisas importantes deste mundo, como a ciência, a filosofia, a erudição e as belas artes. Assim desenvolveu-se o princípio da neutralidade: no trabalho erudito, deveríamos deixar para trás as coisas irrelevantes e totalmente subjetivas, tais como nossas convicções religiosas. Precisávamos buscar aquilo que fosse objetivo, que fosse verdade independentemente da nossa fé. (2010, p. 15-16).

A arte é sempre imaginativa trazendo consigo além da imagem, simbolizada, um pouco de seu autor (GOMBRICH, 1999a, p. 4), da sua geografia e percepção da realidade que também o espreita de forma por si só comparativa e, por isso mesmo, relevante.

O real é a essência, a arte é apenas uma colônia, quando muito, apenas um extrato com uma densidade maior, portanto, mais próxima da realidade. Por mais que o artista tente transcender o real - aliás, isso aponta para a sua transcendência

essencial - é o real que o referencia e o válida. A tendência natural é que reproduzamos interpretativamente o que está mais próximo de nós, quer fisicamente (minha casa, meu filho, a mulher amada, meu animal de estimação, uma paisagem próxima etc.), quer, em minha mente, expressando temores, incompreensões, sonhos e desejos. A arte tem a digital de seu autor. Ela provém do interior do artista como criatura, mas, não como criador. E, como todos os nossos demais trabalhos, expressa, sem, necessariamente, nos darmos conta, o nosso sentido de valor. Como bem disse o pintor norueguês Munch (1863-1944) no início do século XX, num momento não rotineiro de sobriedade: “A arte é a compulsão do homem para a cristalização. (...) A natureza não é apenas o que o olho pode ver. Ela mostra também as imagens interiores da alma – as imagens que ficam do lado de trás dos olhos” (MUNCH, 1999, p. 112). No retratar o que percebo, sem perceber revelo o que sou e como estou.

2. DEUS, AS ESCRITURAS E A ARTE

Quando historiadores da arte tratam da arte produzida pelos judeus, é comum a identificação da proibição divina quanto à idolatria (Êx 20.4-6) com uma suposta proibição divina à arte.

É possível que a falta de uma maior clareza de interpretação bíblica tenha contribuído para o não desenvolvimento de determinada manifestação artística entre os judeus. Dentro de uma perspectiva mais ampla, devemos entender que a arte na Escritura é proibida apenas como instrumento de idolatria, não como meio de glorificar a Deus por meio do belo.

Stigers, coloca bem a questão:

O fato de que querubins foram bordados no véu interno do Tabernáculo (Êx 26.31), de que as paredes do Templo de Salomão foram esculpidas com figuras de querubins e palmeiras (1Rs 6.29), e de que Tabernáculo e Templo tinham figuras de querubins no propiciatório, dentro do Santos dos Santos, indica que o segundo mandamento não impediu a produção de trabalhos artísticos. (2008, v. 1, p. 513).

No Antigo Testamento, encontramos com frequência a ação do Espírito associada à vida intelectual de diversos homens (Vejam-se: Jó 32.8; 35.10,11/Gn 2.7; Êx 31.2-6; 35.31-35; Nm 11.17,25-29; 27.18-21/Dt 34.9). O Espírito é o autor de toda vida intelectual e artística. Nele temos o sentido do belo e sublime como expressão da santa harmonia procedente do Deus Triúno que é perfeitamente Belo em sua Santidade e Majestade.

Referindo-se à obra de Bezalel e Aoliabe, Ferguson escreve:

A beleza e a simetria da obra executada por esses homens na construção do tabernáculo não só deram prazer estético, mas um padrão físico no coração do acampamento que serviu para restabelecer expressões concretas da ordem e glória do Criador e suas intenções em prol de sua criação. (2000, p. 26).

A Escritura nos mostra que Deus como autor de toda beleza, aprecia o belo. A beleza não tem existência própria e autônoma. Ela provém de Deus, portanto, o perigo de fazermos a separação entre beleza e Deus, correndo o risco de adorar a criação em lugar do Criador (Rm 1.25).

O belo por sua vez, não tem apenas um sentido funcional, antes, é prazeroso, refletindo de alguma forma a grandeza da Criação divina que, por sua vez, reflete a natureza majestosa de Deus e seu amor que faz com que ele se comunique conosco de forma tão bela e harmoniosa. Portanto, a nossa criatividade deve ser atribuída a Deus, sua fonte inesgotável e perfeita. O Deus quem nos criou à sua imagem é o Artista original. O nosso senso estético procede também de Deus, como por uma imagem. (KUYPER, 2018, p. 139).

Nós, como imagem, tentamos imitá-lo de forma subjetiva, visto que somente Deus possui de forma absoluta a objetividade do Belo em suas perfeições.

É claro que esta criatividade imaginativa também foi afetada e manchada pelo pecado e, o produto de nosso trabalho também refletirá essencialmente isso. Logo, indicando o senhorio de Cristo sobre todas as coisas, devemos submeter a nossa habilidade de criar e recriar à realidade de nosso Senhor. Deste modo, o nosso trabalho deve ser sempre uma expressão

de culto a Deus por meio dos talentos que ele mesmo nos confiou.

Eu não preciso necessariamente de um motivo a mais para criar. A minha criação poderá ser bela em sua temática e composição. Não preciso de justificativa ulterior. Criamos porque Deus nos criou com esta capacidade. Devemos, portanto, apreciar uma bela obra de arte com gratidão em nossos corações por saber que isso, que alegria a nossa vida, foi propiciada por Deus. (ROOKMAAKER, 2015, p. 244ss.).

Assim, o algo mais pode ser altamente estimulante e necessário, contudo estará sempre numa escala secundária. Posso compor uma música simplesmente para expressar a minha fé em meio às angústias e incertezas da vida cotidiana, retratar a beleza do amor entre um homem e uma mulher (que deve refletir o amor de Deus por sua Igreja [Ef 5.25]), ou, ainda, fazer um poema que descreva a dor da saudade ou a esperança de um reencontro. Nestas expressões, revelo a minha condição de criatura que ama, sofre, deseja e tem expectativas. Nenhum destes sentimentos é nos estranho, afinal, somos homens finitos, limitados, vivendo no tempo, na condição de pecadores.

Ainda que nem tudo que produzamos seja uma expressão pecaminosa, é, sem dúvida, uma manifestação de nossa maravilhosamente complexa finitude, da condição humana. Daí, talvez, o desejo implícito de que nossa arte permaneça. Há o “pressentimento de imortalidade”, que se manifesta no desejo e esperança de que a nossa produção seja vista, lida, ouvida, admirada e interpretada também em nossa posteridade.

A arte, dessa maneira, é uma expressão de percepção de mundo. Toda arte é interpretativa, refletindo a minha percepção do mundo. Esta percepção está longe de ser neutra. Por isso, toda arte é existencial e axiológica. Aqui temos um ponto final. Contudo se pessoas são levadas a Cristo por meio desta música, desse quadro ou daquela poesia, não torna a minha arte melhor ou pior. Isto, ainda que relevante, não muda a essência do que fiz (qualidade), do princípio que me orientou (a Palavra) e do seu objetivo final que é glorificar a Deus.

Há sempre o perigo de sermos pragmáticos, apesar de cheios de boas intenções. Deus pode se valer de um jumento, contudo nem por isso devo me inspirar neste animal criado por

Deus, como meio de expressão de minha natureza, ainda que Deus também o empregue para demonstrar a nossa insanidade espiritual (Is 1.3/SI 32.9/Jr 8.7). Ele toma dois animais difíceis de trato: o boi e o jumento. Mostra que a obtusidade, a teimosia e a dificuldade de condução destes animais dão-se pela sua própria natureza. O jumento e o boi agem conforme as suas próprias estruturas criadas por Deus. No entanto, assim mesmo, eles sabem reconhecer os seus donos, aqueles que lhes alimentam. O homem, por sua vez, como coroa da criação, cedendo ao pecado perdeu totalmente o seu discernimento espiritual. Já não reconhecemos nem mesmo o nosso Criador, antes, lhe voltamos as costas e prosseguimos em outra direção.

Paulo diz que a nossa nova criação espiritual levada a efeito por Deus é uma obra de arte. O homem é a obra-prima de Deus e os salvos têm o seu “homem interior” criado de novo em Cristo Jesus: “Pois somos feitura (ποίημα = “obra de arte”) dele, criados (κτίζω) em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10).

Somos filhos de Deus, criados não por qualquer um, mas, pelo próprio Deus (Sl 100.3). Deus nos recria em Cristo, o Deus Encarnado, não simplesmente para uma admiração recíproca, mas, para que caminhemos nas boas obras preparadas de antemão, as quais, devido às nossas limitações, nem sempre nos parecerão belas, contudo foram ordenadas por Deus. Os caminhos propostos pela sabedoria de Deus são belos (Pv 3.17). A grande beleza estética na vida do homem está em obedecer a Deus, seguindo os seus caminhos!

Com base no texto de Efésios, podemos dizer que o homem é o mais belo poema de Deus, criado em Cristo Jesus nosso Senhor! O nosso novo nascimento deve nos conduzir a uma maior sensibilidade para com a beleza da Criação de Deus. Contudo a fé cristã não se expressa em mero culto à beleza, antes, em adoração ao Deus criador de todas as coisas.

Deus, como fonte de toda beleza, exercita a arte em toda a sua Criação. O que Schaeffer (1912-1984) diz a respeito dos Alpes suíços, nós, brasileiros, poderíamos falar com muito maior propriedade a respeito das belezas diversificadas de nossa terra: “Vá aos Alpes e observe as montanhas cobertas de

neve. Não há como contestar. Deus se interessa por beleza. Ele fez as pessoas para serem belas e a beleza tem seu lugar na adoração a Deus” (SCHAEFFER, 2010, p. 25).

Assim sendo, ainda que a Bíblia não seja um livro que trate de teoria estética, oferece-nos parâmetros para avaliar o sentido de arte e o seu propósito. (Continuaremos no próximo número).

REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática Reformada**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012, 4v.

BAVINCK, Herman. **Teologia Sistemática**. Santa Bárbara d'Oeste, SP.: SOCEP., 2001.

CALVINO, João. **As Institutas da Religião Cristã**. Campinas, SP.; São Paulo, SP.: Luz para o Caminho; Cultura Cristã, 1985-1989, 4v.

CALVINO, João. **Exposição de 1 Coríntios**. São Paulo: Paracletos, 1996.

CALVINO, João. **Exposição de Hebreus**. São Paulo: Paracletos, 1997.

CALVINO, João. **O Livro dos Salmos**. São Paulo: Paracletos, 1999, v. 2.

FERGUSON, Sinclair B. **O Espírito Santo**. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2000.

GOMBRICH, E.H. **A História da Arte**. 16. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1999.

GOMBRICH, E.H. **Meditações sobre um Cavalinho de Pau e outros ensaios sobre a teoria da arte**. São Paulo: EDUSP., 1999a.

HORTON, Michael S. **O Cristianismo e a Cultura**. São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

KUYPER, Abraham. **Calvinismo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.

KUYPER, Abraham. **Sabedoria e prodígios: graça comum na ciência e na arte**. Brasília, DF.: Monergismo, 2018.

LALANDE, André. **Vocabulário Técnico e Crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

LORAN, Erle. **Cézanne's Composition**. Berkeley: University of California Press, 1985.

MUNCH, Edvard, **Arte e Natureza**: In: CHIPPI, H.B. **Teorias da Arte Moderna**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (2. tiragem).

PANOFSKY, Erwin. **Significados nas Artes Visuais**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

ROOKMAAKER, H.R. **A Arte não precisa de justificativa**. Viçosa, MG.: Editora Ultimato, 2010.

SCHAEFFER, Francis A. **A Arte e a Bíblia**. Viçosa, MG.: Editora Ultimato, 2010.

STIGERS, H.G. Arte, **Artes**: In: TENNEY, Merrill C. (Org. ger.). **Enciclopédia da Bíblia**. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, v. 1, p. 509-522.